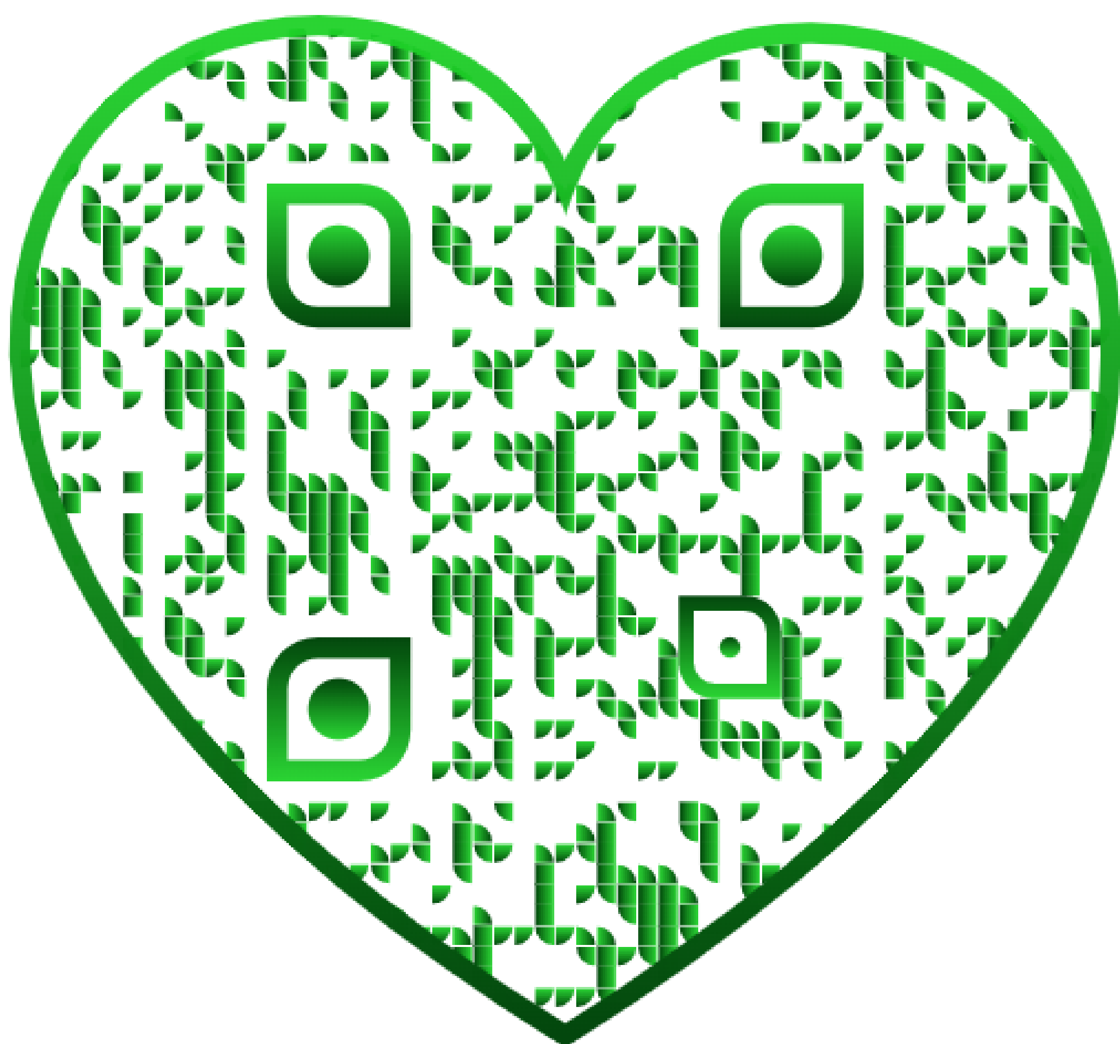
MARIE LU

A VIDA ANTES DE LEGEND

HISTÓRIAS DE UM CRIMINOSO
E DE UMA MENINA PRODÍGIO



ROCCO JOVENS LEITORES



SUMÁRIO

Episódio 1: DAY

Episódio 2: JUNE

Créditos

A Autora

EPISÓDIO 1

DAY

Três anos antes dos acontecimentos de LEGEND

Nota da autora: Em *Prodigy* (sequência de *Legend*), June pede a Day que lhe conte sobre seu primeiro beijo. Este conto atende ao seu pedido.

DAY

Tenho doze anos.

Moro na República da América.

Meu nome é Day.

Costumavam me chamar de Daniel Altan Wing, irmão mais novo de John, irmão mais velho de Éden, filho de pai e mãe moradores das favelas de Los Angeles.

Quando você foi pobre a vida inteira, nunca acredita de verdade que as coisas possam mudar. E às vezes até fica feliz, porque pelo menos você tem família, saúde, braços, pernas e um teto sobre a cabeça.

Agora estou sem a maioria dessas coisas. Minha mãe e meus irmãos acham que estou morto. Tenho um machucado no joelho que pode não curar nunca. Moro nas ruas do setor Lake, uma favela às margens do lago de Los Angeles, e todos os dias consigo apenas o suficiente para sobreviver.

Mas as coisas sempre podem piorar, não é? Pelo menos estou vivo; pelo menos minha mãe e meus irmãos estão vivos. Ainda há esperança.

Esta manhã estou empoleirado na varanda de um prédio em ruínas; todas as janelas de seus três andares foram cobertas por tapumes. Minha perna ruim balança sobre a beirada enquanto me apoio de modo casual na perna boa. Meus olhos estão fixos em um dos píeres do lago, e a água cintila através da neblina poluída da manhã. A minha volta, telões embutidos nos prédios transmitem as últimas notícias da República acima do curso contínuo e interminável dos operários do setor Lake. Muitas ruas adiante, vejo um grupo de meninos e meninas a caminho da escola de ensino médio local. Parecem ter mais ou menos a minha idade – se eu não tivesse reprovado na Prova, possivelmente estaria andando com eles. Ergo a vista e estreito os olhos para o sol.

O juramento vai começar a qualquer instante. *Odeio* esse maldito juramento.

Há uma pausa no telejornal nos telões, e então uma voz familiar soa pela cidade, saindo dos autofalantes de todos os prédios. Nas ruas, as pessoas param tudo o que estão fazendo, viram-se em direção à capital e erguem o braço numa saudação. Elas entoam junto com a voz dos autofalantes.

“Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!”

Quando eu era bem pequeno, fazia esse juramento como todo mundo e, por um tempo, até achei que era muito legal declarar meu eterno amor por nosso país ou qualquer coisa assim. Agora fico em silêncio o tempo todo, mesmo que cada pessoa na rua recite as palavras obedientemente. Por que me incomodar em fingir que concordo com algo em que não acredito? Ninguém pode me ver aqui em cima mesmo.

O juramento termina, e a agitação das ruas recomeça ao mesmo tempo em que os telões voltam ao noticiário. Leio as manchetes enquanto elas vão rolando:

A MENINA-PRODÍGIO, JUNE IPARIS, DE DOZE ANOS, É A MAIS NOVA ESTUDANTE A ENTRAR PARA A UNIVERSIDADE DRAKE E SE APRESENTARÁ OFICIALMENTE NA PRÓXIMA SEMANA.

– Argh! – bufo com desgosto.

Sem dúvida essa garota é uma riquinha que tem uma boa vida no interior, em um dos setores de classe alta de Los Angeles. Quem se importa com a nota que ela tirou na Prova? O exame é feito para favorecer as crianças ricas mesmo, e ela deve ser apenas alguém de inteligência mediana que comprou a nota. Dou as costas enquanto a manchete continua, listando todas as conquistas da garota. Aquilo me dá dor de cabeça.

Minha atenção volta a se concentrar no píer. Trabalhadores se movimentam no deque de um dos barcos. Estão descarregando um monte de caixotes que devem conter comida enlatada, pilhas de carne moída, batatas, espaguete, molho e salsichinhas de porco. Meu estômago ronca. Primeiro as prioridades: roubar o café da manhã. Não como nada há quase dois dias, e ver aquelas caixas me deixa tonto.

Eu me arrasto pela lateral do prédio, tomando o cuidado de ficar escondido nas sombras do início da manhã. Alguns policiais de rua patrulham o píer, mas a maioria deles parece entediada, já exausta por causa do calor e da umidade. Em geral eles não prestam atenção aos órfãos sem-teto que se espalham em praticamente todas as esquinas do setor Lake e, num dia bom, são lentos demais para pegar todos os que tentam roubar comida.

Chego à extremidade do prédio. Um cano de escoamento corre pela lateral, aparafusado à parede de modo instável. Ainda assim, parece forte o bastante para aguentar meu peso. Eu o testo antes, hesitante, pondo um pé sobre ele e dando um bom empurrão. Como o cano não se move, agarro-me a ele e deslizo até a viela estreita onde fica o prédio. Minha perna ruim pisa no solo de mau jeito – perco o equilíbrio e caio de costas no chão.

Qualquer dia essa droga de joelho vai melhorar. Espero. E aí finalmente vou

poder subir e descer por esses prédios como eu quero.

O dia está quente. Os cheiros de fumaça, comida de rua, graxa e maresia pairam no ar. Consigo sentir o calor do chão através dos meus sapatos gastos. Quase ninguém repara em mim conforme manco até o píer – sou apenas mais um garoto das favelas –, mas então uma menina a caminho da escola cruza seu olhar com o meu. Ela cora quando retribuo o olhar e desvia depressa os olhos para outra direção.

Paro à beira da água para ajeitar o gorro, certificando-me de que meu cabelo está todo escondido dentro dele. A luz dourada e alaranjada refletida pela água me faz estreitar os olhos. No píer, operários empilham os caixotes de comida ao lado de um pequeno escritório, onde um inspetor digita observações sobre a carga. De vez em quando, ele olha para outro lado e fala em um comunicador. Fico parado por um tempo, observando o padrão de movimentos dos operários e do inspetor. Então olho para o fim da rua, ao longo da costa.

Nenhum policial à vista. Perfeito.

Quando tenho certeza de que ninguém está olhando, pulo para a margem e vou mancando até as sombras sob o píer. Vigas se entrecruzam na base do píer, dando-lhe apoio para avançar em direção à água. Pego algumas pedras no lamaçal perto da água e as enfio no bolso. Então me ergo para o labirinto de vigas e as escalo em direção aos caixotes. Água salgada respinga em mim. O barulho das ondas batendo contra o píer se mistura com as vozes lá em cima.

– Você também ouviu falar daquela garota, não ouviu?

– Que garota?

– Você sabe. A *garota*, aquela que entrou para a Drake com o quê, *doze* anos...

– Ah, sim, aquela. Os pais dela devem ter uma carteira gorda. Ei, para onde você passou mesmo?

Risadas.

– Cale a boca. Pelo menos tenho alguma instrução.

O barulho das ondas encobre a conversa de novo. Diversos baques abafados vindo das tábuas acima da minha cabeça. Devem estar empilhando caixotes aqui. Cheguei ao ponto bem embaixo do pequeno escritório e da carga. Paro a fim de ajeitar a posição dos meus pés. Depois subo várias vigas, seguro-me à beirada do passadiço do píer, ergo-me e espio ao redor.

O escritório está bem à minha frente. O inspetor parou de pé na extremidade dele, de costas para mim. Eu me arrasto em silêncio para o passadiço e me encolho à sombra da parede do escritório. As pedras em meu bolso batem umas nas outras. Pego uma delas e mantenho os olhos nos operários. Então jogo a pedra na direção do barco com toda a força.

Ela o atinge na lateral com um barulho alto o bastante para chamar a atenção

dos trabalhadores. Muitos deles se viram na direção do som – outros vão até lá. Aproveito a oportunidade e saio correndo do meu esconderijo, indo para a pilha de caixotes. Consigo deslizar para trás deles antes que alguém me veja. Meu coração bate acelerado.

Sempre que roubo suprimentos da República, eu me imagino sendo pego e arrastado para o posto da polícia local. Imagino minhas pernas sendo quebradas, como aconteceu com papai. Ou talvez eu nem fosse levado para o posto da polícia. Talvez apenas me matassem com um tiro ali mesmo. Não consigo decidir o que seria pior.

O tempo está acabando. Pego meu canivete, escondido cuidadosamente perto do meu sapato, e o cravo na lateral de um dos caixotes até atravessá-lo. Golpeio em silêncio, tomando o cuidado de observar em que direção os guardas estão olhando. A essa altura, a maioria deles já se dispersou, por sorte. Restam apenas dois, e mesmo eles estão a uma boa distância dos caixotes, perdidos em uma conversa sem importância.

Definitivamente, a carga é comida enlatada. Minha boca se enche d'água quando volto a fantasiar com o que posso encontrar ali dentro. Salsichas e sardinhas. Todos os tipos de carne. Milho, ovos em conserva, feijões. Talvez até fatias de pêssego e pera. Uma vez consegui roubar um pêssego fresco, e foi a melhor coisa que comi na vida. Meu estômago ronca alto.

– Ei.

Dou um pulo. Ergo os olhos e vejo uma adolescente recostada nos caixotes, mastigando um palito de dentes e me observando com um sorriso divertido no rosto. Todas as minhas fantasias de comida desaparecem. Na mesma hora, puxo meu canivete do caixote e saio correndo. Os homens no píer me veem, gritam alguma coisa e partem atrás de mim.

Corro pelo píer o mais rápido que posso. Meu joelho ruim queima com o movimento súbito, mas eu o ignoro. Um joelho ruim não vai importar se eu estiver morto. Eu me preparo para a agonia ardente de uma bala cravando minhas costas.

– Charlie – grita um deles. – Pegue aquele pilantrinha!

A garota dá uma resposta que não consigo ouvir.

Passo cambaleando por dois estivadores estupefatos, chego ao fim do píer e ao início das ruas do Lake e corro para a viela mais próxima. Atrás de mim, ainda posso ouvir o barulho dos meus perseguidores. Idiota, que idiota. Eu deveria ter sido mais silencioso ou esperado até a noite. Mas estou com tanta fome. Minha esperança agora é despistá-los no labirinto de vielas do Lake. Meu gorro sai da cabeça, mas estou assustado demais para me deter e ir buscá-lo. Meu cabelo louro-claro cai abaixo dos ombros, bagunçado.

Alguém me segura por trás. Eu me contorço e consigo me soltar, então dou um salto na direção da parede e agarro o peitoril do segundo andar. Mas meu joelho ruim – já fraco por causa da fuga apressada – finalmente cede, e bato no chão, às sombras da viela. Todo o ar dos meus pulmões sai num sopro, mas ainda me viro e mostro os dentes, pronto para cravá-los em quem está me segurando.

– Ei, fique frio!

É a garota que me viu primeiro. Seu rosto não é ameaçador, mas ela me prende com força no chão.

– Sou só eu. Falei para a tripulação do meu pai que eu ia pegar você. Estão todos lá no píer.

Continuo lutando.

– Olha, poderíamos fazer isso o dia inteiro.

A garota inclina a cabeça e franze a testa. Ainda espero que ela pressione uma faca no meu pescoço. Mas não. Após alguns longos segundos, eu me acalmo. E ela assente para mim.

– O que você estava tentando roubar da carga do meu pai?

– Só um pouco de comida – respondo. Ainda sinto dificuldade de respirar, e a dor no meu joelho não ajuda em nada. – Há dois dias que não como.

– Você é do setor Lake, *amigo*?

Sorrio para ela. Espero que ela não perceba o quanto estou nervoso.

– Assim como você – digo, percebendo o termo familiar que ela usou. – Você deve ser até do mesmo bairro que eu.

Ela me observa por um momento. Agora que enfim dou uma boa olhada nela, vejo que é bonita, de pele morena e cabelo crespo e preto, puxado para trás em duas tranças frouxas. Tem sardas leves no nariz, e seus olhos são castanho-dourados. As sobrancelhas parecem permanentemente fixas numa expressão surpresa. Ela deve estar em algum ponto entre o meio e o fim da adolescência, embora pareça pequena. Um sorriso se espalha em seu rosto quando percebe como a estou observando. Com cuidado, permite que eu me sente, mas não solta meu braço.

– Você pretende me deixar ir logo? – pergunto. – Ou vai me arrastar de volta para o seu pai e os amigos dele?

– Isso depende. – Ela estala a língua na parte de dentro da bochecha, num gesto inconsciente. – Você estava lá para roubar comida da nossa carga. Se tivesse conseguido, meu pai teria que justificar para as autoridades da República por que não bateu a cota. Você acha que gostamos de pagar multas? Ou de ser presos?

– Bem, sinto muito. Você acha que gosto de passar fome?

A garota ri de mim.
– Ouça só você, que durão. Você é tão adorável que eu poderia arrancar sua bochecha de tanto apertá-la.
Coro diante da provocação, mas não quero lhe dar a satisfação de saber que me pegou. Então a encaro sem piscar. Ela para de rir, mastiga o palito de dentes, pensativa, e então diz:
– *E daí* que você está com fome? E se eu simplesmente arrastar você até o meu pai agora mesmo? Eu poderia dizer a eles para jogá-lo no lago. Ou para levá-lo à polícia. A tripulação do meu pai me adora. Vão concordar com tudo o que eu lhes disser para fazer.
Engulo em seco ao pensar naquilo e então assumo uma expressão corajosa.
– Ah, *qual é*, *amigo*? – Ergo as palmas das mãos para ela e lanço o olhar mais inocente que posso. – Vai mesmo fazer isso com um menino de rua faminto? Apenas finja que eu fugi. Não vou voltar, juro. Pode até ficar com o meu canivete, se quiser algo em troca. É tudo o que eu tenho.
– Quantos anos você tem?
– Quase treze.
– Ohn, você é só um bebê. – Ela sorri para mim, depois hesita por um minuto. – Olhe, sei como se sente – acaba dizendo –, e, acredite, não há nada pior que a dor de uma barriga vazia.
– Então você ainda está pensando em me entregar? – Deixei minha esperança crescer. – Tem algo que eu possa fazer por você para evitar ir para uma prisão da República? – pergunto.
– O que você *está disposto* a fazer?
Dou a ela um sorriso ensaiado.
– Qualquer coisa que você quiser, querida.
As sobrancelhas dela se erguem em surpresa – então ela joga a cabeça para trás e ri. Não consigo decidir se estou lisonjeado ou ofendido. *Eu* achei que tinha soado muito descolado.
Outro momento se passa antes de a garota se acalmar, se levantar e me puxar para cima. Agora que estamos os dois de pé, vejo que ela é apenas alguns centímetros mais alta e muito magra. Ela acena com a cabeça na direção do píer.
– Vou lhe dizer. Você vai trabalhar para o meu pai por três dias e, em troca, vou lhe dar três latas de comida. Pode escolher as três latas que quiser, mas não frutas. – Ela balança a cabeça ao ver minha decepção. – Sinto muito. Três dias de trabalho não rendem a ninguém uma lata de frutas.
Trabalhar no mesmo lugar por três dias. A ideia me deixa um pouco ansioso, pois não gosto de ficar em um lugar por muito tempo. Há olhos da República por toda parte. Mas na verdade não tenho escolha, e essa é a melhor proposta que

vou receber.

Meneio a cabeça, hesitante.

– Está certo. Ótimo. Acordo fechado.

Estendo a mão livre para apertar a dela.

Ela não a pega. Em vez disso, inclina um pouco a cabeça, cospe o palito e sorri para mim.

– Ainda não terminei.

Minha mão treme.

– O que mais você quer?

– Você é bem valente na frente de garotas, não é? Já beijou uma?

Beijar uma garota? O que isso tem a ver? Apesar de todo o meu flerte, nunca cheguei nem perto. Bem, beijei algumas na bochecha, e elas retribuíram – mas na boca? Eu ainda estava tentando chegar lá. Meus olhos se desviam até a boca da menina, agora sorridente, e sinto meu rosto ficar ainda mais quente do que já estava.

– Vou interpretar isso como um não. – Ela ri. – Bem, tente, garoto. Vamos ver se você faz jus à sua fala mansa.

Como continuo sem me mexer, ela se inclina na minha direção, fecha os olhos e pressiona os lábios nos meus. Eu fico rígido. São muito mais macios do que eu esperava – não sei o *que* eu esperava, na verdade. Claro que seriam macios. Um calafrio percorre minha espinha. *O que devo fazer? Devo me mexer? Olhos abertos ou fechados?* Por um instante, fico completamente imóvel e mantenho os lábios parados. *Talvez eu deva repetir seus movimentos*. Tento fazer isso. Aos poucos, começo a retribuir o beijo. Depois de um tempo não parece tão difícil... Até relaxo, deixando minha mente se embalar com o fato de que eu estou beijando uma garota mais velha. Minhas mãos estão dormentes. Não sinto minhas pernas.

Ela se afasta um pouco. Embora não tire a mão do meu braço, seu aperto é menos rígido. Ainda estou tentando recuperar o fôlego.

– Nada *mau* para a sua primeira tentativa – diz, em tom alegre. Ela esfrega o nariz no meu. – Você está tremendo?

Eu me encolho. Esperava que ela não notasse.

Para meu alívio, ela ri antes que eu possa dizer qualquer coisa constrangedora.

– Cara, você é tão fofinho. – Ela bate de leve com o dedo no meu nariz e se afasta de mim. – Certo, temos um acordo. Agora para o píer. Se você se comportar bem, talvez até ganhe outro beijo.

Pelos três dias seguintes, trabalho ao lado dela no barco que a República designou para seu pai. O nome dela é Charlie, descubro, e acabou de completar dezesseis anos. Do nascer ao pôr do sol, enquanto carregamos e descarregamos

os caixotes, ela me fala de sua vida de trabalho nos píeres. Sua mãe morreu há alguns anos, num acidente na fábrica. Ela tem uma irmã que tirou uma nota alta o bastante na Prova para entrar para uma faculdade. Ela adora a área do lago, mesmo que isso signifique ficar o tempo todo com cheiro de mar. Está feliz porque pelo menos a República a designou para trabalhar nos píeres com o pai, em vez de mandá-la para a frente de batalha limpar a sujeira das tropas. Não me dou o trabalho de falar que é isso que o *meu* pai faz – *fazia*, quero dizer – antes de parar de vir para casa. Minhas mãos têm farpas por ficar arrastando caixotes de um lado para outro e, no segundo dia, parece que minhas costas vão se partir em vários pedaços. O pai de Charlie – um homem enorme, de barba e pele clara – me ignora por completo, embora às vezes assinta em aprovação, se estou trabalhando muito duro.

Gosto do trabalho. A garota me dá duas latas por dia, em vez de apenas uma, o que significa que todos os dias consigo comer uma lata e guardar outra para futuras refeições. Também tenho a oportunidade de juntar objetos que possam ser úteis mais tarde, como lascas afiadas de madeira que eu posso usar como armas, alguns sacos de aniagem, uma lata redonda, boa para carregar água.

Charlie me alcança enquanto ando pelo píer, juntando pregos soltos e os enfiando nos bolsos.

– O que você está fazendo? Se preparando para a guerra? – pergunta, com um sorriso.

Dou de ombros.

– Não sobrevivi todo esse tempo sem autodefesa.

Charlie ri, mas me deixa continuar.

De noite, ela se senta comigo enquanto a equipe de seu pai se reúne mais ao longe no píer. Observo, com um pouco de ciúme, o modo como ela flerta com os operários quando o pai não está por perto. Tinha razão quanto a uma coisa: é a queridinha deles, e se ela os mandasse me jogar para fora do barco, eles provavelmente fariam isso sem hesitar. Aos poucos, me acostumo com o barulho do lago batendo nos pilares de concreto e ao conforto incomum de dormir ao ar livre, ciente de que, pela manhã, terei uma lata de comida a minha espera. Que luxo! Às vezes olho para Charlie quando ela não está vendo e tento repassar nosso beijo em minha mente. Pergunto-me se aquilo significou algo para ela. E se ela estava ou não falando sério sobre me beijar de novo.

Em nossa última noite juntos, Charlie se recosta e olha para mim sobre o brilho de nossa lamparina fraca. Estamos sentados na extremidade do píer, vendo os arranha-céus do centro da cidade se acenderem, um a um. É uma noite muito agradável. Nem mesmo a umidade parece tão ruim quanto de costume e, de vez em quando, sopra uma brisa fresca.

– Então, você pagou sua dívida. O que vai fazer amanhã? – pergunta-me ela.

Dou de ombros.

– Ainda não sei. Normalmente vivo um dia de cada vez.

Comemos em silêncio por mais alguns minutos antes de ela voltar a falar:

– Você não me contou muito da sua vida. Não sei nem o seu nome.

Coloco no chão minha lata de salsicha e feijão, comida já pela metade, e me inclino para trás, apoiando-me nos cotovelos.

– Ed – respondo, dizendo o primeiro nome em que consigo pensar. – O que mais você quer saber?

Ela me observa. À luz oscilante da lamparina, seus olhos assumem um tom de mel.

– Quanto tempo morou em Lake? – Ela mastiga mais um pedaço da comida e então joga a lata de lado. – O que aconteceu com a sua família? E como seu joelho ficou assim? Você sempre morou nas ruas ou o quê?

Fico em silêncio durante todo o tempo em que ela faz perguntas. É justo que ela queira saber, claro, já que me falou tanto de si mesma. Mas se tem algo que aprendi vivendo nas ruas foi manter em segredo os detalhes sobre mim. Por onde eu começaria? Meu nome é Day. Minha família mora a umas trinta quadras a nordeste daqui. Tenho mãe, um irmão mais velho e um mais novo. Todos acham que estou morto. Os médicos da República abriram meu joelho enquanto faziam experiências com meu corpo. Fui enviado para eles depois de não passar na Prova, e eles me largaram no porão do hospital para morrer. Passei semanas vagando por aí, sangrando. Sempre viajo sozinho, porque, se um dia a República me encontrar, vão me apagar como uma vela. Mantenho a cabeça virada para o outro lado, enquanto as lembranças me assaltam e ameaçam explodir do meu peito. Tantas histórias para contar...

Mas eu as guardo, uma a uma.

Diante do meu silêncio, Charlie diminui a pressão.

– Bem – começa, parecendo um pouco constrangida pela primeira vez desde que me conheceu. Ela mexe em uma das tranças. – Tudo a seu tempo, quando você estiver pronto.

Sorrio para ela por cima da lamparina.

– Se você quiser, sabe, pode ficar mais alguns dias – diz ela. – Meu pai diz que você trabalha bem e cumpriu sua palavra... ele ficaria feliz em mantê-lo por aqui um pouco mais. Pode ser até que lhe dê alguns trocados por baixo dos panos. E, bem, você é um bom garoto. As ruas são um lugar duro para se viver. Não sei por quanto tempo você vai conseguir se virar sozinho.

A oferta é tentadora. Meu coração se aquece e, na ponta da minha língua, há palavras de gratidão não ditas. Registro seu rosto sardento e as tranças

bagunçadas e, nesse momento, estou pronto para dizer sim. Posso me ver trabalhando aqui ao lado dela e construindo algum tipo de vida para mim. Anseio por pertencer a uma família outra vez, por ficar amigo dessa garota. Seria alguma coisa, não? Fecho os olhos e me perco nessa fantasia.

– Vou pensar no assunto – respondo por fim. Por ora, é uma resposta boa o suficiente.

Charlie dá de ombros, e nós dois voltamos ao nosso jantar. Nessa noite dormimos lado a lado no deque do barco, tão próximos que nossos ombros se tocam, e eu sinto o calor emanando de seu corpo. Passo a maior parte da noite olhando o céu. Está claro o bastante para eu reconhecer uma dezena de estrelas. Eu as conto repetidamente até elas me embalarem num sono leve.

Sou acordado por um grito.

Levanto por instinto, então me contraio quando meu joelho ruim me obriga a sentar de novo. Os pregos soltos no meu bolso me espetam de um jeito desconfortável. O que está havendo? O que aconteceu? Já é de manhã? Em minha confusão, tudo o que percebo é a luz fraca do amanhecer tingindo tudo de um cinza azulado.

– *Não! Você não pode!*

Outro grito. Dessa vez percebo que vem do outro lado do píer, onde os trabalhadores estão reunidos em torno de alguma coisa. Curiosos começaram a se aglomerar na rua. *Não se aproxime. Fique longe.* Meus instintos se incendeiam e, em vez de me juntar a eles, corro para a pilha de caixotes mais próxima e me agacho nas sombras.

A princípio, não sei o que está acontecendo. Então, estreito os olhos para a cena e percebo. Alguns soldados da República, vestidos com o uniforme da patrulha municipal – não a polícia das ruas, mas a *patrulha municipal* mesmo – está gritando perguntas para um homem alto. *O pai de Charlie*. Os gritos são dela, que está sendo segurada por vários homens da equipe.

Um soldado da patrulha municipal dá um soco no queixo do pai dela. Ele cai de joelhos.

– Cachorros malditos! – grita Charlie para a patrulha. – *Seus mentirosos!* Vocês não estão atrás da nossa carga... nem estamos *no comando*! Vocês não podem...

– Acalme-se – um dos soldados dispara para ela. – Ou vai sentir a mordida de um tiro. Entendeu? – Então ele acena com a cabeça para seus companheiros. – Confisquem o carregamento.

Charlie grita algo que não entendo, mas o pai balança a cabeça para ela, dando-lhe uma advertência firme. Um fiapo de sangue escorre do canto de sua

boca.
– Vai ficar tudo bem – diz a ela, apesar de os soldados no fim do píer estarem carregando os caixotes em sua caminhonete.
Espero em silêncio no escuro enquanto eles enchem o veículo. Se levarem todo o carregamento de Charlie, significa que os funcionários não vão receber por pelo menos duas semanas. Alguns passariam fome, com certeza. Eu me lembro de quando soldados da patrulha municipal levaram meu pai para interrogatório, de como o trouxeram de volta todo quebrado e sangrando. Raiva e imprudência dominam minha mente. Estreito os olhos para os soldados, então saio das sombras em silêncio e vou até a beira d’água. Enquanto o caos se desenrola no fim do píer, ninguém nota quando deslizo sem fazer barulho para dentro d’água e sigo pela margem. Meu joelho ruim protesta conforme chapinho, mas trinco os dentes e o ignoro.
Depois de ter nadado o suficiente para alcançar o outro píer, vou para a margem, arrasto-me até o nível da rua e me misturo à multidão da manhã. Água pinga do meu queixo; minhas botas encharcadas fazem barulho a cada passo. Os soldados provavelmente levarão mais alguns minutos para terminar de carregar tudo e verificar os caixotes e, quando voltarem para o posto policial de Lake, estarei pronto para eles. Mancando por entre a multidão, levo a mão ao cinto e abro o bolso de quinquilharias. Tenho um bom punhado de pregos. Eu os espalho por toda a rua até ter certeza de que cobri uma grande faixa dela. Então viro uma esquina, corro para uma viela estreita e me agacho atrás de uma grande lata de lixo. Meu joelho lateja em protesto. Impaciente, afasto mechas de cabelo molhado do rosto.
Estico a perna com cuidado, contraio o corpo e esfrego a velha cicatriz que perpassa meu joelho. Vou precisar me mover mais depressa, se quiser que isso funcione. Verifico se meu canivete está preso de modo seguro na bota, então aguardo.
Minutos depois, ouço o que estava esperando – o barulho de uma caminhonete da patrulha municipal se aproximar a distância, seu alarme característico soando pela rua. Meu corpo fica tenso.
A caminhonete se aproxima. As pessoas se afastam para os lados quando ela buzina, abrindo caminho entre o movimento da manhã.
Então...
Pop!
Um dos pneus da caminhonete estoura – ela derrapa, depois se inclina um pouco para o lado, provocando gritos na multidão. O veículo bate e para a alguns passos da viela onde estou. Esforço-me para ficar de pé. A traseira da caminhonete se abre no meio do caos, e cerca de uma dúzia de caixotes jazem

abertos e espalhados nas ruas.

Dois soldados saltam da caminhonete bem quando as pessoas se amontoam em torno do veículo, algumas já catando, ávidas, latas de carne que rolaram das caixas quebradas.

– Afastem-se! – grita um soldado para a multidão, mas é em vão. O outro empurra as pessoas com a arma.

Eu avanço com o bando. Se conseguisse pegar pelo menos *uma* das caixas e levá-la de volta para Charlie, já seria uma vitória. As pessoas erguem-se sobre mim, jogando-me de um lado para outro em sua tentativa de pegar um pouco de comida. Baixo a cabeça e me curvo, ficando tão pequeno quanto consigo, e empurro obstinadamente. Por fim, vejo a caminhonete à minha frente e todo o conteúdo espalhado pelo chão.

Abaixo-me e enfio duas latas de carne direto no bolso. Então agarro a beirada de um caixote, puxo de volta com toda a minha força e começo a arrastá-lo. Muitos outros soldados chegam para dar cobertura aos dois primeiros; tento agir mais rápido enquanto eles começam a empurrar as pessoas para longe. Trinco o maxilar e puxo com mais força.

– Ei... solte isso!

Um soldado me vê, pega a gola da minha camisa e, sem cerimônia, me joga contra a multidão. Meu joelho ruim cede – grito de dor e caio numa posição estranha. O soldado pega o caixote que eu estava arrastando e me lança um olhar furioso.

– Malditos pilantrinhas de rua – cospe na minha direção. – Volte para o seu beco. Mantenha as mãos fora da propriedade da República.

Isso é meu, grito por dentro. *É para Charlie.* Para minha surpresa, um desejo de chorar surge de uma parte profunda de mim. *É para a minha família. Para as pessoas com quem me importo.*

Mas não há muito que eu possa fazer agora. Sou muito lento, muito pequeno e muito fraco. A cena que provoquei é inútil para mim agora – já chegaram soldados demais, e as pessoas não têm mais coragem de roubar o conteúdo dos caixotes.

Eu me esforço para me levantar, então abro caminho entre as pessoas enquanto os soldados se juntam para inspecionar o pneu furado da caminhonete. *Pelo menos ferrei um dos seus preciosos veículos*, penso, sombrio.

Volto para o píer onde a equipe de Charlie trabalha. Quando chego lá, meu joelho está doendo muito. Estou suado e exausto. Charlie me vê ao longe, pula da pilha de caixotes onde está sentada e corre para perto de mim.

– Aí está você – diz. Parece ter se recomposto desde a explosão de mais cedo. Seus olhos percorrem minha roupa úmida. – Aonde você foi?

Simplesmente dou de ombros. Tiro as duas latas de carne do bolso.

– Houve certa comoção na rua – respondo, estendendo as latas para ela. – Uma caminhonete virada. Peguei isto. Sinto muito... eles não nos deixaram chegar mais perto. Como está o seu pai?

– Está bem. Já levou socos mais fortes. – Charlie me dá um sorriso torto de agradecimento, mas empurra as latas de volta para mim. – Fique com elas. Duas latas não vão adiantar muito. – Ela olha de lado para a equipe. Então se abaixa, inclina-se na minha direção e sussurra: – Foi você, não foi? Você viu tudo de manhã. Encontrou um jeito de estragar a caminhonete, não foi?

Pisco para ela.

– Eu...

Charlie sorri ao ver minha expressão culpada.

– Sim, nós estávamos lá também. Seu pequeno truque permitiu que alguns dos operários chegassem lá e pegassem alguns dos nossos caixotes de volta.

O peso no meu peito alivia um pouco. Olho para ela surpreso, e então abro um sorrisinho.

– Vocês estavam lá? Viram a caminhonete?

Os olhos de Charlie analisam os meus. Por um momento, é como se ela pudesse enxergar dentro do meu coração.

– Você tem um instinto suicida ou algo assim? – pergunta ela por fim. Estende a mão para bagunçar meu cabelo. – Tenho que admitir... você tem nervos de aço. Fugir assim e destruir uma caminhonete da patrulha municipal!

Ruborizo e abaixo o olhar para meus pés.

– Só tive sorte – murmuro.

Mas, no fundo, não consigo deixar de sentir uma pontinha de orgulho. Eles pegaram alguns de seus suprimentos de volta. Talvez meu truque não tenha sido de todo inútil.

A expressão de Charlie se torna mais suave. Com a mão, ela ergue meu queixo, para que meus olhos encontrem os seus. Ela se inclina e me dá um selinho carinhoso nos lábios.

– Obrigada – diz. – Você é um bom garoto. Aposto que a República ainda não viu tudo de que você é capaz.

Nessa noite, durmo no deque do barco com a equipe. Na manhã seguinte, bem cedo, quando o amanhecer mal tocou a beira d’água e os olhos de Charlie ainda estão fechados, eu me levanto e escapo em silêncio. Não levo nada além das minhas quinquilharias e latas de comida. Não olho para ela uma última vez, não deixo bilhete nem digo adeus. O ar está frio, fustigando minhas bochechas e meus lábios, uma lembrança do espaço vazio ao meu redor. Mantenho as mãos nos bolsos e a cabeça erguida. Meu cabelo está solto.

Não posso ficar aqui. Os acontecimentos de ontem me fizeram lembrar claramente por que ando sozinho pelas ruas, por que não ouso me envolver em relacionamentos com mais ninguém aqui em Lake. Os soldados atacaram o pai de Charlie só por não ter batido a meta de uma carga; o que teria acontecido se descobrissem que estava abrigando um garoto que escapou dos laboratórios da República? Um garoto que deveria estar morto? Papai sempre me disse para seguir em frente, nunca voltar atrás.

Então mantenho os pés apontados para fora do píer, em direção à cidade, às favelas. É melhor ficar sozinho lá fora. Sou uma alma penada, um fantasma... Não pertenço a lugar algum. As palavras de Charlie ecoam em minha mente.

Aposto que a República ainda não viu tudo de que você é capaz.

Sorrio. Não, sinceramente, espero que não.

Meus pés estão pesados, mas não fazem barulho.

EPISÓDIO 2

JUNE



Três anos antes dos acontecimentos de LEGEND

Nota da autora: Em *Legend*, conhecemos June quando ela está recebendo a segunda advertência por comportamento inadequado na Universidade Drake. O conto a seguir é um vislumbre do primeiro dia de June na Drake, e mostra por que ela é incapaz de se manter longe de encrencas.

JUNE

– Qual é a desse trânsito todo? – pergunto a meu irmão.

Metias se inclina para a frente no banco do motorista e espicha o pescoço. Está usando seu uniforme completo de capitão, mas, do banco de trás, posso ver que seu cabelo está emaranhado, resultado de ter gastado a maior parte da manhã passando a mão nele. Ele suspira e me lança um olhar de desculpas.

– Sinto muito, Joaninha. Eu não deveria ter pegado o atalho por Lake. Deixe-me pedir um relatório – diz ele, então murmura algo no microfone.

Cruzo os braços e, para passar o tempo, conto os jipes militares a nossa volta. (Há exatos nove veículos em cada uma das três pistas da rua, até onde posso ver.) Tento estimar quanto ainda falta para chegar à Universidade Drake. Nesse ritmo, levaremos pelo menos trinta minutos. São grandes as chances de eu me atrasar para a orientação. *Prodígio de doze anos se apresenta oficialmente hoje na Universidade Drake*. É isso que os telões estão noticiando. Ainda me lembro de como meu coração batia forte quando recebi meu uniforme de Drake no início da semana. Hoje começo a cursar a universidade, a única jovem de doze anos que andará pelo campus. Esse pensamento faz uma onda de ansiedade e animação me percorrer. O que os outros estudantes vão pensar? Será que vou fazer amigos?

Metias termina sua conversa e olha para mim com a testa franzida.

– Parece que as ruas ao norte de Lake estão todas fechadas. Temos que mandar uma nova caminhonete para alguns caras num posto policial aqui perto.

– Sério? O que aconteceu?

– Um pneu furado, bem no meio de uma rua movimentada. Tem um monte de caixotes de comida espalhados por um cruzamento principal e uma multidão brigando por elas.

Torço o nariz ao pensar em pessoas brigando por comida enlatada, e Metias me flagra.

– June. Não julgue assim.

Desfaço a expressão, sentindo-me culpada.

– Então você acha que vamos nos atrasar para a minha orientação?

– Temo que sim. Já deixei uma mensagem para os oficiais da Drake. Vamos torcer para que não seja um grande problema.

Sorrio. Conforme nos arrastamos pelas favelas, concentro-me nas rodas-

d’água girando na margem do lago. O sol da manhã pinta uma cobertura dourada na superfície.

– Depois de hoje – digo –, você vai ter que me chamar de cadete Iparis.

Metias não consegue deixar de rir.

– Todos os guardas da cidade estão comentando sobre você, *cadete* Iparis... Ainda não consigo acreditar que minha irmãzinha é oficialmente aluna da *Universidade Drake*. Que tal? – Ele ergue uma sobrancelha para mim. – Agora, isso não muda nada. Você *não* vai ter nenhum privilégio. Vai voltar para casa na *hora*. Vai me *avisar* se precisar ficar até tarde para fazer os trabalhos. *Definitivamente* não está autorizada a sair com nenhum dos seus colegas mais velhos depois da aula, a menos que tenha algo a ver com os estudos...

Reviro os olhos e mostro a língua para ele.

– Eu sei, eu sei.

– Estou falando sério, June. Ligue-me se precisar de alguma coisa. Entendido? Não me faça ficar ainda mais preocupado com você.

Seguimos em silêncio por um momento.

– Você acha que mamãe e papai estariam orgulhosos de mim? – pergunto um pouco depois.

Metias olha para mim de novo, pelo espelho. Mesmo que tenhamos doze anos, quatro meses e vinte e três dias de diferença, não há dúvida de que somos parentes. Temos os mesmos olhos, castanho-escuros com traços dourados, o mesmo cabelo escuro e pele morena.

– Mamãe e papai adorariam ver você entrar na Drake – diz ele, baixinho. – O país inteiro está orgulhoso de você. *Eu* estou orgulhoso de você. Muito, muito mesmo.

A aprovação dele aquece meu coração. Ergo os joelhos até o queixo e sorrio.

– Amo você – digo.

Metias sorri de volta.

– Também amo você. Não desista, Joaninha... Um dia você vai chacoalhar a República. Vai ser inesquecível. Sei disso.

Depois de quarenta minutos, finalmente nos livramos do engarrafamento em Lake e seguimos depressa pelo setor Batalla em direção à universidade. Metias me apressa pelo campus. Podemos ouvir a música do juramento da manhã retumbando pela universidade, e sei que a orientação já começou. Li em algum lugar que a Drake leva os atrasos muito a sério – e, nesse caso, já estou encrencada no meu primeiro dia.

Todos os outros alunos se reuniram na quadra principal do campus para a cerimônia, e Metias e eu não temos escolha a não ser fazer uma entrada chamativa. Enquanto o reitor continua seu discurso no palco, meu irmão me

conduz ao meu assento o mais silenciosamente que pode, mas os olhares irritados dos professores são óbvios. Sei o que estão pensando: *Talvez a República devesse ter designado um tutor oficial para June e Metias em vez de permitir que o irmão mais velho criasse a irmã. Talvez ele não consiga dar conta.*

Metias retribui os olhares com uma expressão de desculpas. Prendo a respiração, lutando contra o desejo de defender meu irmão. Não é fácil para Metias cuidar sozinho da irmã mais nova tendo apenas vinte e quatro anos e sendo capitão de uma patrulha de Los Angeles. E é ainda mais difícil cuidar de uma garota como eu. Mas mantenho a cabeça baixa e ocupo um lugar perto dos fundos. Assim que me vê devidamente acomodada, Metias dá um tapinha em seu quepe de soldado, numa saudação de despedida.

– Divirta-se – sussurra para mim. – Mantenha a cabeça erguida, não se deixe intimidar. E se defenda, como lhe ensinei. Entendido?

– Não se preocupe – respondo, sorrindo, embora meu estômago esteja começando a se revirar de nervosismo.

Metias retribui com um sorriso breve, depois sai apressado para cuidar de suas outras tarefas. Sou deixada para enfrentar a universidade sozinha.

Como era de se esperar, a orientação é entediante. Olho em volta e observo meus novos colegas enquanto os autofalantes zunem. Será que algum deles vai querer ser meu amigo? Sou tomada por uma conhecida sensação de esperança. A primeira série que pulei foi o segundo ano e, desde então, pulei três outros anos. A cada vez, eu esperava que pular uma série e entrar numa turma cheia de novos alunos pudesse me dar outra chance de fazer amigos. Agora, estou numa escola nova outra vez, e a probabilidade de criar laços com alguns estudantes no início do ano deve ser alta. Muitos dos calouros devem ser de fora de Los Angeles; também vão precisar de amigos. Tenho uma chance.

Quando terminamos de ouvir, sentados, todos os discursos, faltam nove minutos para as onze horas, e meu estômago começa a roncar. Ao meu lado, os outros alunos (todos pelo menos um ano a minha frente, a julgar pela cor das tiras em seus uniformes, o que significa que me sentei com o segundo ano, não com os calouros) parecem despreocupados. Talvez os alunos mais velhos não sintam fome tão cedo. Sinto-me um pouco constrangida, então tento não pensar em comida. Dois alunos abrem sorrisos sarcásticos e erguem as sobrancelhas na minha direção, ressaltando o quanto não pareço pertencer àquele lugar. Continuo sentada, as costas eretas, e tento me lembrar do que Metias disse. *Mantenha a cabeça erguida, não se deixe intimidar.*

A orientação finalmente termina, e todos seguimos para as primeiras aulas do dia. Mantenho-me atrás de um grupo de alunos e deixo minha escuta sintonizar o

mapa do campus. O lugar é enorme – pelo menos dez vezes maior que minha escola de ensino médio –, e logo percebo em que prédios os estudantes do meu período estão se reunindo. Se eu me perder no campus hoje, pelo menos vou saber em que prédios devem ser minhas aulas.

De repente, alguém me empurra por trás. Cambaleio para a frente e mal consigo me recuperar antes de cair no chão, mas, no caminho, tropeço em outra aluna. Nós duas caímos.

– Desculpe-me – consigo dizer, levantando-me e estendendo a mão para a garota.

Ela a pega, agradecida. Mas, ao ver quem nos empurrou, apenas desvia os olhos e me deixa para trás. Franzo a testa. Quando me viro, vejo um garoto (segundo ano, julgando pelas listras douradas nas mangas do uniforme, o que significa que tem pelo menos dezessete anos) com a cabeça jogada para trás, rindo da minha cara. Ele continua andando com um grupo de amigos.

– Sinto muito – diz ao passar por mim, esbarrando o ombro de propósito, para me fazer perder o equilíbrio. – Não vi você.

Mordo o lábio ao ouvir risadinhas abafadas das pessoas em volta. Apenas uns poucos me olham com simpatia e, quando meus olhos encontram os seus, eles os desviam depressa. Como a garota que ajudei a se levantar. Trinco os dentes. Não é como se provocação fosse algo novo para mim, mas, durante os ensinos fundamental e médio, aprendi a relevar e manter a discrição para sobreviver. Tornei-me especialista em ser evasiva, e funcionou... naquela época. Mas isto não é o ensino médio – isto é a Universidade Drake. Já sei que não vou concluir a Drake apenas controlando meu temperamento e aceitando as punições. Sou oficialmente uma soldado em treinamento; um dia vou lutar pela República. E, embora esse garoto tenha a mesma altura do meu irmão, não posso permitir que ele me empurre no primeiro dia e, ainda assim, esperar que a Drake me veja como uma oficial em potencial... ainda mais com todos esses estudantes olhando. Tenho que começar a merecer respeito desde já.

Mais uma vez ouço as palavras de Metias. *E se defenda, como lhe ensinei*. Ele começou a me treinar cedo, depois que cheguei em casa um dia com um olho roxo e um corte no braço.

Por isso, em vez de deixar o garoto que me empurrou seguir em frente, grito um insulto para ele.

– Então arrume uns óculos. Um cego teria me visto andando aqui.

O garoto olha para mim, as sobrancelhas erguidas em surpresa, a conversa com os amigos interrompida no meio. Engulo em seco. De repente, pergunto-me se tomei a decisão certa, mas agora é tarde.

– Você é aquela garota de doze anos, não é? June Iparis? – pergunta ele por

fim, com as mãos nos bolsos. O sorriso apertado em seus lábios me faz pensar em fio retorcido. Eu hesito e ele aponta com o queixo para mim. – Vamos, fale. Por que está tão tímida agora?

– Sim, sou eu – respondo.

– Disseram que você era metida, que está se achando agora que entrou na Drake graças ao dinheiro da família.

Um grupo de alunos curiosos se reuniu a nossa volta, e o grupo de amigos do garoto está fazendo algum tipo de piada às minhas custas. Gostaria que meu uniforme me caísse melhor – a Drake se apressou a fazer um uniforme sob medida para mim, mas mesmo assim não ficou muito bom, e as mangas pendem soltas nos meus pulsos. Espero que não seja muito visível.

– Tenho uma bolsa de estudos – digo, tomando o cuidado de manter a voz calma, exatamente como Metias me ensinou.

– Ah, é mesmo? – Ele abre a boca numa expressão de falsa admiração. – Parabéns, garotinha... Eles ficaram com pena de você por causa do que aconteceu com seus pais? Bem, todos nós sabemos como foi que você entrou. Se seu sobrenome não fosse Iparis e seu irmão não tivesse dado um monte de dinheiro aos oficiais da administração, e eles não tivessem forjado seu talento por algumas notícias sensacionalistas, aposto que você ainda estaria sentada na carteira do ensino fundamental.

Eles vão tentar provocá-la, Metias me disse. *Mas não seja a primeira a desferir um soco. Não deixe que eles tirem o melhor de você*. Não que eu seja forte o bastante para derrubar quem quer que seja, claro, mas as palavras de Metias ajudam a evitar que meu temperamento ferva. Respiro fundo.

– Não parece muito diferente de como *você* deve ter entrado – digo, olhando-o de cima a baixo.

O sorriso dele vacila – a multidão se mexe, desconfortável, e muitos riem diante da ideia de uma garota de doze anos responder a um aluno de segundo ano de mais de um metro e oitenta de altura.

– Suas mãos são suaves demais para terem carregado armas o suficiente ao longo dos anos, e seu cabelo é comprido demais. Jamais passaria numa inspeção. Para você ter recebido sua classificação hoje com um corte de cabelo tão descuidado, aposto que os *seus* pais pagaram a alguns dos administradores.

A boca do garoto treme de irritação. Ele dá um passo na minha direção e ergue a mão. De início, parece que vai me bater, mas provavelmente percebe que pegaria mal. Então, em vez disso, ele tenta me empurrar. Vejo a mão dele se aproximando muito antes de ele conseguir me tocar e me esquivo sem dificuldade. Isso o faz perder o equilíbrio; ele tropeça para a frente. Não consigo evitar um sorrisinho – que soldado mais lerdo. Talvez tudo o que eu disse *fosse*

verdade; talvez ele tenha mesmo comprado sua formação universitária.

Ele se vira para mim. Dessa vez, a irritação em seu olhar cede lugar à raiva. Ele arremete contra mim de novo – o punho na minha direção. Saio do caminho outra vez. Mais e mais espectadores correm para assistir (pergunto-me se ele é conhecido no campus por empurrar os outros) e, enquanto eles observam de olhos arregalados, desvio de uma terceira investida do garoto. Dessa vez giro e paro às costas dele e, quando ele hesita, achando que vou golpeá-lo, tropeça no próprio pé. Cai no chão e arranha o rosto. Seus amigos pararam de rir, mas as risadas vêm de vários outros observadores.

O garoto fica de pé e tenta de novo – dessa vez com vontade, o olhar intenso de tanta concentração. Eu me esquivo e rodo, então pulo de lado, depois giro num círculo – todas as suas tentativas de golpe passam direto por mim. Minha confiança começa a crescer conforme algumas pessoas na multidão me observam, fascinadas. *Não é tão difícil*, penso enquanto provo o garoto, escondendo-me às suas costas com passos leves. *Se isso é tudo com que tenho que me preocupar no campus, então...*

Minha confiança me distrai muito. Num momento de descuido, ele enfim acerta meu ombro e me manda para o chão, cambaleando. Caio de costas, com força, e todo o ar dos meus pulmões sai num sopro. Ele vai me acertar de novo. Mas antes que eu consiga me desviar desse golpe, alguém entra correndo em nossa arena improvisada.

– O que está acontecendo aqui? – berra uma voz acima de mim. Imediatamente a multidão se dispersa. – Cadetes! De volta ao trabalho, todos vocês... Já se esqueceram das queixas por atraso? *Vão para a aula!*

Eu me encolho ao me levantar. Parece que meu ombro se chocou contra uma parede de tijolos. Na verdade, acho que não foi muito diferente disso. A pessoa que acabou com a nossa briga é uma jovem oficial e agora está de braços cruzados, olhando para nós dois.

O garoto levanta as mãos para se defender.

– Ela me provocou. Você ouviu os avisos sobre essa garota...

– Sim – interrompe a oficial –, e responder às provocações de uma criança de doze anos é uma verdadeira prova de maturidade de um aluno do segundo ano. – Ele ruboriza com essas palavras. – Vá para a sala da secretária do seu reitor. Terá sorte se não for suspenso por uma semana depois disso.

O garoto faz o que ela manda, mas não antes de lançar um olhar feio na minha direção. *Já vai tarde*. Eu nem sei o nome dele.

Estou prestes a agradecer à oficial quando ela me corta com um olhar.

– De pé e atenta, cadete – ordena. Assumo a posição depressa. A oficial põe as mãos às costas e me olha com desprezo. – A Harion High nos alertou sobre você,

sabe. Disseram que, embora você tivesse capacidade de acompanhar o curso na Drake, poderia não ser madura o suficiente para sobreviver à universidade. E parece que estavam certos.

– Mas eu nem toquei nele – digo.

– Você estava no meio de uma briga com ele – responde a oficial, gesticulando ao nosso redor. – Eu mesma vi.

– Não, não viu. A senhora me viu atacá-lo?

Uma leve frustração surge nos olhos dela.

– Precisamos mesmo discutir isso, Iparis? Toda uma multidão de alunos testemunhou vocês dois, e acho que é evidência suficiente para a sua secretaria.

Balanço a cabeça.

– Com todo o respeito, senhora, o que os outros viram foi um aluno do segundo ano tentando me bater diversas vezes, sem sucesso. Também me viram passar todo o tempo desviando e me esquivando. Nunca toquei um dedo nele. E até o último golpe que a senhora viu, ele também não tinha encostado um dedo em *mim*.

Para minha grata surpresa, a oficial hesitou por um segundo. Tudo o que eu disse batia com o que ela de fato tinha visto. Pressionei:

– Não pode ser uma briga entre nós dois se não toquei nele, certo?

Ela estuda meu rosto e, por trás de sua expressão irritada, há um pequeno e sutil traço de admiração. De algum modo, consegui impressioná-la.

– Vou deixar que a secretária do reitor decida o que fazer com você – responde por fim, embora não pareça tão dura quanto antes. – O nome dela é sra. Whitaker, e fica no Albott Hall. Diga o que quiser em sua defesa, cadete, mas, se todos os dias forem como este primeiro, então talvez a Drake deva mandá-la de volta para o ensino médio. Vou ficar de olho em você. Entendido?

Murmuro uma resposta e sigo para o prédio da reitoria. Quando olho para trás, a oficial ainda está parada ali, me observando. Ela faz uma chamada pela escuta e me pergunto se está falando de mim.

Apesar de todos os meus apelos, recebo um relatório pelo acontecido. Sentada no fundo da sala da minha última aula (História da República 2080-2100), olho desesperada para a tira de papel dourada torcendo para que os alunos sentados várias fileiras a minha frente não percebam. Um relatório no meu primeiro dia na Drake. Com base em minha própria pesquisa sobre a universidade, se um aluno recebe mais de cinco relatórios em um ano, entra de licença – um modo gentil de dizer que é suspenso por todo o ano seguinte e tem que assistir a uma série de aulas disciplinares em um campo de treinamento. Se recebe mais de cinco relatórios depois disso, então é expulso. Aparentemente, arranjei uma boa vantagem para a suspensão. Metias não vai ficar feliz ao saber disso – embora eu

não ache que vá estar *tão* encrencada com ele. Foi ele que quis que eu me defendesse, certo? Não fiz nada de errado. Apenas me defendi. Ainda assim, toda aquela experiência fazia meu estômago revirar... Eu achava que estava sendo tão esperta, que fazer aquilo causaria alguma boa impressão nos meus colegas mais velhos, que ajudaria a me posicionar na turma e me pôr num bom caminho para me tornar uma oficial. No que eu estava pensando? Por que a República iria querer uma soldado tão rebelde como oficial? Nesse ritmo, eu teria sorte se conseguisse terminar o primeiro ano sem ser suspensa e tenho certeza de que vou esbarrar com aquele garoto de novo. O que vou fazer da próxima vez?

– Ei – alguém sussurra na fileira atrás de mim. – Menina.

Eu me viro. É uma garota com duas longas tranças presas num coque atrás da cabeça.

– Oi – sussurro de volta.

– Eu vi o que você fez lá na quadra hoje. – Ela sorri. – Bom trabalho. Não achei que veria uma garota de doze anos levar a melhor sobre alguém como Patrick Stanson.

Suas palavras melhoram um pouco meu humor e, apesar do relatório, eu me endireito na cadeira e sorrio de volta.

– Obrigada – respondo. – Mas não acho que a Drake vá querer me ver fazer aquilo de novo.

– Está brincando? – Ela ri e cutuca a amiga. – Você ouviu dizer que aquilo foi relatado na sala de aula, certo?

A amiga dela confirma com a cabeça.

– Do que você está falando? – pergunto.

– Há boatos de que seu nome foi acrescentado à aula de Defesa Intermediária 231. Algumas pessoas viram na lista atualizada de matriculados em suas planilhas de curso. – Ela espera um segundo, como se para ver a minha reação, mas, como continuo sentada olhando para ela, inexpressiva, ela suspira e faz um gesto circular com a mão. – Defesa *Intermediária*. Você sabe que essa aula é só para alunos do segundo ano, certo?

Pisco. *Só para alunos do segundo ano*. Será que a jovem oficial que me mandou para a secretária do reitor falou a meu favor? Será que de fato viu algo em mim, alguma coisa que eu estava tentando mostrar? Lembro-me daquele traço de admiração em seu rosto, sua hesitação em me repreender no final. Talvez minha atitude tenha valido a pena no fim das contas. Sorrio no escuro da sala de aula.

– Obrigada pelo aviso – digo para a garota. – Se não fosse por isso, tenho certeza de que iria para a sala errada amanhã.

A aula termina – o professor nos dispensa e as amigas da garota se levantam e começam a sair para o corredor. Ela me olha de novo e dá de ombros.

– Sem problema – diz, com um sorriso. Antes que eu possa responder, ela diz depressa: – Tchau! – E corre para se juntar ao grupo.

Eu a observo por um segundo.

Minha felicidade murcha. Sou grata a ela pelo momento de coleguismo, mas um momento *não é* amizade... e enquanto ajeito a bolsa no ombro e sigo para o corredor, lentamente chego à conclusão de que isso pode nunca mudar. Tenho doze anos. Todo mundo na minha turma tem pelo menos dezesseis. Não importa quão legais alguns deles sejam comigo, quem vai querer andar por aí com uma garota de doze anos? Sobre o que eu conversaria com eles? O que tenho em comum com qualquer um deles? *Não tenho nada em comum com eles*, admito para mim mesma quando saio para o brilho do sol da tarde. E, no fim, tenho quase certeza de que vou passar sozinha os próximos quatro anos.

Meu instinto competitivo me domina. *Tenho que pular um período.* Pularia todos eles, se pudesse. Quanto mais rápido, melhor, e então posso sair daqui. Posso ir embora e finalmente encontrar meu grupo de amigos. Mesmo que eu tente afastar esse pensamento, ciente de que não faz sentido, de que é ilógico, não posso deixar de sentir uma espécie de confiança. Se eu começar de novo... se ao menos fizer mais uma tentativa numa nova escola ou ambiente, com novas pessoas...

Começo a correr. Corro até meus pés saírem do chão e minha respiração se tornar arquejos ásperos e desesperados. Corro pelo campus, até chegar à extremidade onde os alunos estão sendo deixados e buscados.

Só quero ir para casa.

– E então? – pergunta Metias mais tarde nessa noite, quando estou deitada sozinha no sofá da sala de estar, assistindo a um desenho velho. Ele me estende uma caneca de chocolate quente. – Quer conversar sobre aquele relatório?

Não respondo de imediato, mas pego a caneca com as duas mãos e me deleito com o cheiro de chocolate. Meu irmão me conhece. Sei de cara que esse chocolate é diferente do que ele fez da última vez – nada de pó, só chocolate de verdade derretido em leite fervendo. Boiando na superfície, há um marshmallow suave, feito à mão. Meu favorito. É como se ele pudesse prever meu humor e tivesse parado para comprar isso antes de ir me buscar. Ou talvez ele tenha presenciado muitos dos meus primeiros dias de aula difíceis.

Tomamos nossas bebidas em silêncio por um tempo.

– Disseram que me envolvi numa briga – disparo finalmente. – Mas não me envolvi. Nem toquei no outro cara.

Metias ergue uma sobrancelha para mim, mas não discute, e me pego falando, incoerente:

– E aí a sra. Whitaker... é a secretária do reitor... ela disse que não tenho muito respeito pela autoridade e que respondo demais. Então eles me matricularam em Defesa Intermediária em vez de Introdução à Defesa. Isso é bom, não é? Mas também me deram um relatório.

Metias estala a língua em reprovação.

– June. O que eu falei sobre responder aos professores?

– Ela não é minha professora. É a secretária do reitor.

– Não importa. Sei que falei para você se defender, mas isso não significa que quero que você saia por aí arrumando brigas ou causando problemas de propósito. Parece que você mereceu esse relatório, menina.

Eu o encaro, chateada por ele não ficar do meu lado.

– Não sei se eles querem me punir ou me premiar.

Metias se inclina sobre o braço apoiado nas costas do sofá e, a menos que eu esteja vendo coisas, juro que há um sorriso e um franzido em sua boca. Ele me observa, pensativo.

– Talvez estejam tentando fazer ambos – responde. – Parece que viram seu talento assim como seus problemas de comportamento, e é um pouco confuso para eles lidar com os dois ao mesmo tempo. Talvez eles sejam como as suas outras escolas. Não sabem o que fazer com você.

– Ninguém nunca sabe o que fazer comigo. – De repente estou descontando toda a minha frustração no meu irmão. – A escola não serve para mim... nada nunca serve. Não posso nem manter uma conversa normal com meus colegas por mais de trinta segundos, porque, afinal, o que temos em comum? Todos eles têm dezesseis anos ou mais e falam sobre namoro e carreira. Nenhum deles tem doze anos e está na universidade. Não estou interessada no que eles têm a dizer, e metade deles nem entende as coisas que *eu* quero falar.

– Um pouco de humildade, Joaninha – repreende-me Metias, em tom suave.

– Bem, é verdade! – exclamo. – *Não sou normal*, Metias... Vejo coisas que as outras pessoas não veem. Não estou no mesmo nível. Por que eu deveria tentar negar isso? – Minha voz fica mais calma por um instante. – Tem algo errado comigo.

Metias suspira e passa a mão pelo cabelo.

– Sei que fazer amigos vai ser difícil para você – diz depois de uma breve pausa. – Eu sei que tudo é por causa disso, as séries puladas e a exibição, e não vou dourar a pílula para você. Você *não é* normal. As características que a tornam especial lhe darão todos os tipos de vantagem na vida, mas também vão atrapalhá-la e expor suas fraquezas. Isso não vai mudar. E você tem que aprender

a se adaptar.

Olho para a caneca, de repente sem nenhuma vontade de tomar o chocolate.

– Não sei como fazer isso – murmuro.

– Você sabe tudo – diz Metias de um jeito leve, me provocando. – Vai dar um jeito. Seus pontos fortes podem tornar difícil para as pessoas se aproximar de você e fazer suas palavras soarem piores do que você pretendia, mas também fazem as pessoas respeitarem você. Elas a admiram, mesmo que você não perceba isso. Se você parar de se esforçar tanto para impressioná-las, talvez algumas comecem a se tornar mais carinhosas. – Meu irmão estende a mão e dá uns tapinhas na minha testa, com gentileza. – Por trás desse seu cérebro há um bom coração, Joaninha. Eu o vejo todos os dias.

Não sei por que as palavras dele me fazem sentir um nó na garganta, mas de repente estou lutando contra isso e fazendo o melhor que posso para não chorar. Quando vê meu rosto, Metias balança a cabeça.

– Venha aqui, criança.

Corro para cima dele e me aninho em seus braços. Ficamos sentados em silêncio com nossas canecas de chocolate quente, aproveitando a paz da noite.

Pobre Metias. Não deveria ser pai. Deveria estar lá fora sozinho, independente e livre para se concentrar em seu trabalho de jovem capitão. Mas *alguém* tem que tomar conta de mim, e eu torno a vida dele muito mais difícil do que precisa ser. Pergunto-me como deviam ser as coisas para ele quando nossos pais ainda estavam vivos, quando eu era bebê e Metias era adolescente e podia se concentrar em crescer, em vez de ajudar outra pessoa a crescer. Ainda assim, ele não reclamou nem uma vez sequer. Nenhumazinha. E, por mais que eu queira que nossos pais estivessem aqui, às vezes fico muito feliz que esta seja nossa unidade familiar, só meu irmão e eu, cada um cuidando apenas do outro, de ninguém mais. Fazemos o melhor que podemos.

– Tudo o que tenho de bom aprendi com você – sussurro.

– Você está me dando crédito demais. Nós herdamos isso dos nossos pais. – Metias dá uma risadinha. É um som triste. Ele faz mais uma longa pausa, de dez segundos, antes de continuar: – Você vai encontrar a sua tribo. Todos nós encontramos. Um dia, alguém vai vê-la como a garota que realmente é. Um dia você vai encontrar quem a entenda.

Tomo outro gole do chocolate quente.

– Bem, espero que isso aconteça logo. Mas, na verdade, não importa. – Finalmente sorrio para meu irmão. – Pelo menos *você* me entende.

Ele ergue uma sobrancelha de novo.

– Às vezes.

Rio um pouco e, pelo menos esta noite, tudo está bem outra vez.

Título original

LIFE BEFORE LEGEND

Copyright © 2013 *by* Xiwei Lu Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam´s Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA) LLC, uma Penguin Random House Company Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais

MILENA VARGAS

Coordenação Digital LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

PENHA DUTRA

Edição Digital: novembro 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L96L

Lu, Marie
A vida antes de Legend [recurso eletrônico] : histórias de um criminoso e de uma menina prodígio / Marie Lu ; tradução Rachel Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco, 2014.
recurso digital (Legend) Tradução de: Life before Legend ISBN 978-85-8122-498-5 (recurso eletrônico) 1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Agavino, Rachel. II. Título. III. Série.

14-17070 CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Marie Lu nasceu na China e mudou-se ainda criança com a família para os Estados Unidos. Formou-se na Universidade do Sul da Califórnia e começou a trabalhar como programadora na indústria de videogames. Hoje é escritora em tempo integral. Nas horas vagas, ou quando não está presa em engarrafamentos, ela gosta de ler, desenhar e jogar Assassin’s Creed. Ela mora em Los Angeles, na Califórnia (por isso os engarrafamentos), com o namorado, um Chihuahua sem pedigree e dois cachorrinhos da raça Welsh Corgi Pembroke.

Conheça mais sobre a autora em: www.marielu.org